

HARLEQUIN®

Sabrina®

MINISSÉRIE

Os
Kalliakis



MICHELLE
SMART
NO LABIRINTO

Sabrina[®] MINISSÉRIE

NO LABIRINTO

Michelle Smart



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2015 Michelle Smart
© 2021 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
No labirinto, n.º 116 - setembro 2021
Título original: Theseus Discovers His Heir
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial. Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited. Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1375-527-4

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Joanne Brookes tapou a boca para disfarçar o bocejo e pestanejou várias vezes para manter os olhos abertos. Sentiu vontade de afastar o monte de papéis e de fazer uma sesta na mesa da cozinha, mas tinha de ler e assimilar tudo o que pudesse. Ouviu barulho, virou-se e viu que Toby espreitava pela porta da sala de estar minúscula.

- O que fazes acordado, macaco? - perguntou ela, com um sorriso.

- Tenho sede.

- Tens água no teu quarto.

Ele sorriu com atrevimento e aproximou-se, mostrando os tornozelos por baixo do pijama, que ficava curto. Sentou-se no seu colo e apoiou a cabeça no seu pescoço.

- Tens de ir?

Ela abraçou o seu corpinho com força e beijou o cabelo moreno denso.

- Oxalá pudesse ficar.

Não valia a pena explicar porque tinha de ir a Agon de manhã. Toby tinha quatro anos e era inútil tentar raciocinar com ele.

- Dez dias é muito tempo? - perguntou ele.

- Parece, mas estarei de volta antes de dares por isso.

Não ia mentir-lhe e só podia tentar fazer com que fosse suportável. Passara todo o dia com um nó no estômago e não conseguira comer nada.

Só tinham passado duas noites separados desde que o filho nascera. Em circunstâncias normais, nem sequer teria pensado em ir-se embora.

- Pensa em como vais divertir-te com o tio Jonathan - continuou ela.

- E a tia Cathy?

- Sim, a tia Cathy e a Lucy.

O irmão e a cunhada viviam na cidade com a filha de um ano e adoravam tanto Toby como Toby os adorava. Embora soubesse que ficaria em boas mãos, odiava estar tanto tempo afastada dele.

No entanto, Giles, o patrão, estava desesperado. Fiona Samaras, a biógrafa que estava a trabalhar na biografia comemorativa do rei de Agon, sofrera uma apendicite aguda. Era apenas uma redatora, mas isso não importava, porque também era a única pessoa que falava grego na editora onde trabalhava. Não o dominava, mas sabia o suficiente para traduzir a documentação para o inglês.

Se a biografia não estivesse acabada dentro de uma semana, não haveria tempo para a corrigir e mandar para a tipografia, que tinha de imprimir cinco mil cópias da versão em inglês e enviá-las para o palácio de Agon antes do baile.

O baile, que seria dentro de exatamente três semanas, seria um acontecimento enorme e celebraria os cinquenta anos de reinado do rei Astraeus. Se falhassem com essa biografia comemorativa, perderiam todos os trabalhos que o museu do palácio de Agon lhes encarregava há anos. A sua reputação como editora de biografias e livros históricos sofreria muitíssimo.

Joanne adorava o seu emprego e as pessoas. Talvez não fosse exatamente o que sonhara, mas o apoio que recebera ao longo dos anos compensava.

Giles estava tão desesperado que lhe oferecera uma bonificação e umas férias extra de catorze dias. Como poderia ter-se negado? Não pudera, ao pôr tudo na balança.

Já sabia o que era sofrer sentimentalmente e também sabia que sobreviveria à separação. Seria dilacerador, mas superá-lo-ia e Toby também. Os últimos cinco anos tinham-na ensinado a ser uma sobrevivente... e o dinheiro dava muito jeito. Finalmente, poderia levar Toby à Grécia para começar a procurar o pai.

Questionou-se se conseguiria começar a procurá-lo enquanto estivesse em Agon. Embora Agon não fosse uma ilha grega, era muito perto de Creta e os seus habitantes falavam grego.

- Falaremos todos os dias pelo computador - repetiu ela, pela enésima vez nesse dia.

- E vais trazer-me um presente?

- Vou trazer-te um presente enorme - prometeu ela.

- O maior presente do mundo?

- O maior que couber na bagagem - prometeu, fazendo-lhe cócegas.

Toby riu-se e agarrou-a pelo pescoço.

- Posso ver para onde vais?

- Claro.

Joanne virou-o para o computador portátil e ligou-o.

Só tivera um dia para preparar a viagem e dedicara muitas horas a organizar-se enquanto tentava conhecer um pouco a biografia que tinha de acabar. Ainda não tivera tempo para investigar sobre a ilha.

Rodeou a cintura do filho com um braço para o segurar no colo, escreveu «palácio real de Agon» e escolheu algumas imagens. Toby ficou boquiaberto e apontou com um dedo.

- Vais para ali...?

Ela ficara igualmente atónita com as imagens de um palácio imenso que evocava noites árabes ardentes.

- Sim.

- Vais ter um quarto?

- Vou ter um apartamento no palácio.

Até àquele momento, não tivera tempo para pensar que ia passar dez noites num palácio real. Tentou procurar uma imagem melhor.

- Vais conhecer o rei?

Sorriu com o tom entusiasmado de Toby e interrogou-se como reagiria se lhe contasse que eram familiares muito longínquos da família real britânica. Certamente, saltaria até ao teto de emoção.

- Vou trabalhar para um neto do rei, que é um príncipe, mas talvez também conheça o rei. Vou procurar uma fotografia.

Escreveu «rei de Agon» e começou a procurar. Sabia que devia mandar Toby para a cama outra vez, mas não queria, quando estava tão suave e quentinho. Sobretudo, quando sabia que não voltaria a tê-lo ao colo durante dez dias.

Apareceram centenas, se não milhares, de fotografias do rei. Observou-as e pareceu-lhe muito distinto. Havia fotografias dele com a falecida esposa, a rainha Rhea, que morrera há cinco anos. Dele com Helios, o neto mais velho e herdeiro; e dele com os seus três netos, um dos quais seria o príncipe Theseus, com quem ia trabalhar.

Olhou com atenção para uma das fotografias do rei com os três netos e sentiu um arrepio. Ampliou o tamanho da fotografia com uma mão que lhe parecia de chumbo.

Não podia ser.

Inclinou-se para a frente e aproximou-se do ecrã. A fotografia estava desfocada e não conseguia vê-la com clareza.

Não podia ser...

- Esses senhores são reis? - perguntou Toby.

Não conseguia falar e limitou-se a abanar a cabeça enquanto selecionava outra fotografia do rei com os netos. Era uma fotografia de mais qualidade e que fora tirada de mais perto.

A cabeça zumbia e ardia e o coração acelerava. Muito alterada, foi vendo mais fotografias até encontrar uma dele

sozinho e a ampliar.

Era ele.

Abraçou o filho com tanta força que sentiu as vibrações do seu coração pequeno através das costas.

Como era possível?

Duas horas mais tarde, continuava a rebuscar tudo o que conseguisse encontrar sobre o príncipe Theseus Kalliakis. Sem saber muito bem como, conseguira sair do estupor causado por ver a cara de Theo no ecrã e deitara Toby outra vez, dando-lhe um beijo de despedida.

Nesse momento, era tudo cristalino.

Não estranhava que todos esses anos à procura de Theo tivessem sido infrutíferos. Presumira que seria uma tarefa muito fácil nesses tempos, mas todas as suas tentativas se tinham visto frustradas. Ainda que tivesse continuado a procurar, pois não perdera a esperança de o encontrar.

No entanto, poderia tê-lo procurado durante mil anos e não o teria encontrado, visto que o homem que procurava não existia.

Fora tudo uma mentira monumental.

O pai de Toby não era Theo Patakis, um engenheiro de Atenas, era Theseus Kalliakis, um príncipe de Agon.

O príncipe Theseus Kalliakis saía do seu escritório e entrava no seu apartamento privado quando o telemóvel vibrou no bolso. Pegou nele e levou-o à orelha.

- Está a caminho - comunicou Dimitris, o secretário particular, sem nenhum preâmbulo.

Theseus desligou, foi ao quarto e deixou o telemóvel em cima da cómoda.

Passara quase todo o dia a recuperar dos efeitos da receção que o irmão Helios oferecera na noite anterior e a tratar dos relatórios das diferentes empresas em que os irmãos e ele tinham investido através da Kalliakis

Investment Company. Chegara o momento de vestir umas calças de ganga e uma *t-shirt*.

Receberia a menina Brookes e, depois, enquanto ela se instalava, passaria algum tempo com o avô. A enfermeira do avô mandara-lhe uma mensagem para lhe dizer que o rei estava a sentir-se bem e ele não queria perder nem um minuto para estar com ele quando estava lúcido.

Nikos, o seu homem de confiança, deixara-lhe um fato recém-engomado. Ouvira dizer que, noutros países, havia empregados que vestiam os reis e príncipes, mas parecia-lhe ridículo. Sabia vestir-se sozinho. Sorriu ao imaginar a reação de Nikos se lhe pedisse para lhe abotoar a camisa. Nikos perderia todo o respeito por ele.

Uma vez vestido, pôs um pouco de espuma nas mãos e passou-as pelo cabelo, antes de pôr perfume.

Saiu do apartamento, desceu um lance de escadas e percorreu uma série de corredores estreitos iluminados com luzes minúsculas no teto. Atravessou a cozinha e percorreu outros quatro corredores até chegar à sala, onde receberia a substituta de Fiona Samara.

Ouviu umas vozes que chegavam pela porta entreaberta. A substituta já chegara e sentiu-se muito aliviado.

A doença do avô obrigara-os a antecipar o baile. Isso significara que também tinham tido de antecipar o prazo de entrega da biografia do avô, um assunto de que se ocupava pessoalmente.

A sua relação com o avô nem sempre fora fácil e ele próprio reconhecia que criá-lo fora um pesadelo. Gostara das atividades ao ar livre que vinham com ser um jovem príncipe de Agon, mas desdenhara abertamente o resto, as limitações, o protocolo rígido e todas as restrições que vinham com o título.

O ano sabático que tirara e as suas consequências tinham aberto uma fissura entre o avô e ele que nunca se fechara. Esperava que a biografia ajudasse a fechar essa fissura antes de o cancro acabar com o corpo delicado do avô.

Cinco anos de comportamento exemplar não tinham servido para emendar quase três décadas de comportamento extraviado. Aquela era a última oportunidade que tinha de provar ao avô que o apelido Kalliakis significava alguma coisa para ele.

No entanto, primeiro, tinha de acabar a maldita biografia. O prazo já era bastante curto sem que a apendicite de Fiona complicasse tudo. Mais valia que a substituta estivesse à altura. Giles jurara que era perfeita para aquele trabalho e ele não tivera outro remédio senão acreditar.

Dimitris estava de costas para a porta e falava com a menina Brookes.

- Voltaste depressa do aeroporto - comentou Theseus, enquanto entrava na sala.

Dimitris virou-se e endireitou-se.

- Havia muito pouco trânsito, alteza.

A mulher que estava atrás avançou um passo e ele dirigiu-se para ela com a mão estendida.

- É um prazer conhecê-la, menina Brookes - cumprimentou ele, em inglês. - Obrigado por ter vindo tão depressa.

Não expressaria as suas dúvidas. Já sofreria bastante pressão sem que ele a aumentasse. A partir desse momento, a sua tarefa seria a de um apoio, como o que fazia com os jovens empreendedores em que os irmãos e ele investiam.

O seu cargo oficial na empresa era o de diretor-financeiro, mas, extraoficialmente, considerava-se o animador, o polícia bom que enfrentava Talos, o polícia mau. Era o que estimulava e ajudava essas pessoas a cumprir os seus sonhos como ele nunca pudera fazer. Contudo, podiam preparar-se se lhes mentissem ou os enganassem. Os poucos que tinham sido suficientemente néscios, tinham aprendido uma lição que nunca esqueceriam.

Esperou que a menina Brookes lhe apertasse a mão. Talvez fizesse uma reverência. Muitos estrangeiros faziam-no, embora o protocolo não o exigisse se não fosse um ato oficial.

Ela não fez nada, limitou-se a olhar fixamente para ele com uma expressão que ele não conseguia entender, mas que o arrepiava.

- *Despinis...*

Talvez estivesse emocionada porque era um príncipe. Acontecera...

Então, nesse silêncio, observou-a atentamente e viu coisas que não vira antes. Conhecia essa cor de cabelo. Era avermelhado, como o das folhas do outono do internato em que estivera em Inglaterra. Caía-lhe como uma cascata sobre os ombros e as costas e emoldurava um rosto bonito, com uma cútis rosada muito britânica, umas maçãs do rosto proeminentes e uns lábios carnudos. Os olhos azuis estudavam-no com uma expressão de concentração muito intensa...

Conhecia aqueles olhos e aquele cabelo. Tinha uma cor muito pouco comum, parecia mais fruto da imaginação de um artista do Renascimento do que algo real. No entanto, o que mais lhe chamou a atenção foi os olhos. Também tinham uma cor inusitada, difícil de definir, mas que o fazia pensar num céu de manhã antes de o sol nascer por completo.

Enquanto pensava em tudo isso, apertou-lhe a mão finalmente e disse duas palavras. Disse a segunda com amargura.

- Olá, Theo!

Não a reconhecia.

Joanne não sabia o que esperara. Imaginara uma centena de possibilidades durante as últimas vinte horas, mas

nunca pensara que não a reconhecesse. Era como atirar sal para uma ferida aberta.

Algo brilhou nos seus olhos escuros e ela percebeu o instante em que a reconheceu.

- Joanne...?

Ela assentiu com a cabeça e mordeu o lábio inferior, que começara a tremer. Tremia-lhe o corpo todo.

Sentiu o calor da sua mão e não devia senti-la quente. Devia senti-la gélida como o seu coração falso... e também não devia sentir vontade de chorar.

Não lhe daria esse prazer.

Endireitou-se, afastou a mão e dominou o impulso de as limpar na saia.

- Passou muito tempo - comentou Joanne.

Manteve um tom frio e tentou sorrir, mas como podia sorrir quando o seu único amante, o homem que procurara durante cinco anos, o pai do filho, não a reconhecia? Como podia sorrir quando passara cinco anos a perseguir uma mentira?

Dimitris, o homem que fora buscá-la ao aeroporto e se apresentara como o secretário pessoal de sua alteza, observava a cena com interesse.

- Conhecem-se...?

- A menina Brookes é uma conhecida - respondeu Theo ou Theseus. - Conhecemo-nos durante o meu ano sabático.

Então, estava em Illya num ano sabático e ela era uma conhecida? Supôs que fosse preferível a dizer que fora um dos seus encontros de uma noite. Pelo menos, não tivera o atrevimento de lhe chamar uma boa amiga.

- Ontem à noite, quando estava a documentar-me sobre a tua ilha, vi uma fotografia tua na Internet - replicou ela, num tom despreocupado, como se não tivesse pensado nele durante todos aqueles anos. - Pareceu-me que eras tu.

Era possível que não lhe restasse muita dignidade depois de ter passado os quatro últimos anos como mãe solteira, mas restava a suficiente para não querer demonstrar que

se sentia magoada, sobretudo, quando havia testemunhas. Se havia algo que a maternidade lhe ensinara, fora a ser forte. Na verdade, ensinara-lhe muitas coisas e todas a tinham tornado mais forte.

Theseus observou-a sem dissimulação.

- Estás diferente.

Sabia que o seu físico era quase inesquecível, fora a cruz da sua infância. O cabelo vermelho e o excesso de peso tinham-na transformado numa presa fácil para os perseguidores. O nascimento de Toby fora o estímulo de que precisara para perder peso. Nunca seria uma modelo esquelética, mas aceitara as suas curvas.

Talvez pesasse menos alguns quilos e tivesse o cabelo mais comprido, mas, de resto, continuava igual.

- Tens o cabelo mais curto - observou ela.

Há cinco anos, Theseus tinha o cabelo comprido, quase até aos ombros. Nesse momento, usava-o curto atrás e com uma franja que lhe caía pela testa. Em Illya, só o vira com calções e uma *t-shirt* e quase sempre descalço. Naquele momento, usava um fato azul que, certamente, custava mais do que o que ela gastava em alimentação durante um ano, e uns sapatos tão lustrosos que poderia ver-se refletido neles.

- No entanto, tens bom aspeto - declarou ela.

Era uma pena que fosse verdade.

Theo ou Theseus ou Sua Alteza não era o homem mais bonito que alguma vez vira, mas tinha algo que captava o seu olhar e que fazia com que não conseguisse parar de o observar. Tinha um nariz demasiado irregular para se considerar perfeito, uns olhos castanhos muito escuros, uma boca grande que sorria com facilidade e um queixo firme. Isso, combinado com a pele bronzeada; a sua estatura, que rondaria um metro e noventa; e um físico atlético e musculado, dava a impressão imediata de ser um homem dos pés à cabeça como os de antes.

Reparara nele desde que entrara no bar Marin's de Illya e ficara com alguns turistas escandinavos que ouviam tudo o que dizia. Olhara para ele e o coração acelerara. Fora disparatado e irracional. Tudo o que nunca sentira em vinte e um anos atingira-a com a força de um maremoto.

No entanto, já era cinco anos mais velha e mais cautelosa e tinha de proteger um filho. Há muito que esquecera tudo isso.

Pelo menos, pensara que sim.

Quando entrara pela porta da sala, o efeito fora o mesmo, como se esses cinco anos se tivessem apagado.

- Sim, um pouco diferente. - Theseus olhou para o seu relógio. - Sei que tiveste um dia cansativo, mas o tempo está contra nós e temos de acabar a biografia. Vamos para o teu apartamento para que te instales. Podemos falar pelo caminho.

Theseus começou a andar com Dimitris ao lado.

Joanne demorou um instante a recuperar e a segui-los. Sentia umas dores tremendas na cabeça enquanto tentava assimilar a magnitude da situação.

Durante todos aqueles anos, jurara a si própria que encontraria o pai de Toby e que lhe diria que tinha um filho. Não soubera o que aconteceria depois, mas soubera que tinha de o encontrar por Toby, como também soubera que tinha de contar a Theo.

No entanto, Theo não existia. Fosse quem fosse aquele homem, não era o Theo Patakis por quem se apaixonara uma vez. Theseus não era ao pai do seu filho, era um desconhecido.